

IMPRESSÃO DIGITAL

MAIO 68

José Manuel dos Santos

Diziam os gregos: O homem é o animal que fala. E aquele foi um grande tumulto de palavras. Esse mês desse ano dessa década fez-se de um contínuo tropel verbal. Nessa revolta semântica, as palavras atiraram-se umas às outras, desmediram-se, agarraram-se e tornaram-se diferentes. A palavra «desejo» deu-se à palavra «liberdade» e nunca mais foram as mesmas. A palavra «proibir» foi usada para a si se negar e ficou outra. Os grandes «slogans» do Maio 68 são a sua voz mais nítida. Se esta foi uma revolta de palavras (e uma revolta das palavras), acerca dela continua a correr um inumerável rio de palavras: as que afirmam e as que negam. Nestes quarenta anos que passam, não há quem sobre isso se cale, o que apenas quer dizer que as palavras então ditas ainda não morreram. Por isso, Daniel Cohn-Bendit publicou agora um livro **Forget 68**, para afirmar com magnífica ironia: «68 acabou. Ganhamos.»

Esquecer? Lembrar? Transformar o mundo não chega (Marx), é preciso mudar a vida (Rimbaud)! E Marcuse! E os Situacionistas! Guy Debord escreveu **A Sociedade do Espectáculo**, em 1967, e o nosso tempo já lá estava. Raoul Vaneigem, quando, há dias, lhe perguntaram aquilo que o revolta hoje, acrescentou ao seu **Tratado de Saber Viver para Uso das Novas Gerações**: «A passividade, o fatalismo, a servidão voluntária, o fetichismo do dinheiro, a predação, o ensino concentracionário com os seus princípios de concorrência, competição e obediência à economia, a esterilização da terra para a transformação do vivente em mercadoria, e a falta de criatividade daqueles que pretendem combater a barbárie com as armas da barbárie e não pela potência da vida.»

Entre os efeitos de Maio 68 estão a procura de um outro Eu e de um outro Tu, a defesa da vida autónoma, uma mudança de verdade, um caminho para a natureza, um novo erotismo, um prazer mais feliz, a intensificação da libertação da mulher, o movimento gay. E uma nova atitude em face do poder, das suas instituições, dispositivos e enunciados. No seu primeiro impulso libertário, esse arquipélago de ideias, sentidos e movimentos representou uma actualização do espírito crítico, que é uma das lentes do modo de ver a que chamamos europeu. Malraux falou então de «crise de civilização» e tinha razão: mas uma crise de abundância e não de escassez. Quem acha que é preciso acabar com o «pensamento 68» e a sua «herança de suspeita» ignora que o acontecido não acaba de acabar. E que a liberdade se treina na cólera que, às vezes, a diz. Alguns, como Sarkozy, são subprodutos de uma subcultura vinda desses dias de Maio, que eles inconscientemente servem e cegamente odeiam.

«Digam o que disserem os detractores de Maio, foi um belo momento esse, em que cada um podia falar com qualquer outro, anónimo, impessoal, homem entre os homens, acolhido sem outra justificação para além de se ser um outro homem» (Blanchot). Depois deste tempo tão submisso e cansado, voltaremos um dia à impaciência do Maio 68, não para repetir o irrepetível, mas para nomear o insuportável. Porque, como lembra Vaneigem, citando antigas palavras de insolente inocência: «Os grandes só nos parecem grandes porque estamos de joelhos perante eles. Levantemo-nos!»

jmdossantos@netcabopt

Actual – Expresso, 3 de Maio de 2008